



Nossa Senhora de Monserrate: a arte de uma igreja, patrimônio beneditino em Salvador / Bahia – Brasil

Maria Hermínia Olivera Hernandez

1. Patrimônio dos beneditinos na Bahia

O Mosteiro de São Bento da Bahia, assim como as outras fundações que aconteceram em território brasileiro, desfrutava de todos os privilégios e isenções semelhantes aos da Ordem de São Bento de Portugal¹. O processo de formação de seu patrimônio móvel e imóvel teve grandes motivações de ordem espiritual e temporal. No caso das doações de caráter temporal, destacam-se aquelas promovidas pelo governo geral e câmara, sempre com a finalidade de obter, através da colaboração dos religiosos, algum benefício no sentido de promover o povoamento, desenvolvimento econômico ou de infra-estrutura em determinada zona. Outras doações eram feitas de forma mais explícita. Os doadores deixavam os bens para os monges em troca do recebimento *temporário* de orações e outros benefícios, tais como proteção, sustento ou a satisfação de determinadas necessidades materiais específicas, podendo ser uma pensão por vida ou, simplesmente, roupas, calçados e alimentos.

Do mesmo modo, contribuíram para o aumento dos bens, a parte do patrimônio denominado de terça, isto é, o terço dos bens, consistente na parte da qual o testador dispunha, após satisfeitas as obrigações familiares e que geralmente era destinada a favorecer algum parente ou às instituições religiosas, dentre outros. Igualmente as heranças pertencentes aos próprios padres, sobretudo daqueles que optaram por se dedicar à vida monástica, cujos pertences passavam a ser do mosteiro, e as compras de imóveis ou terras que constituíram mais um mecanismo usado pelos monges no intuito de fortalecer seu patrimônio. A grande maioria das doações e legados tinham motivação espiritual. A salvação da alma, o perdão pelos pecados, eram as petições mais comuns. O culto devido a Deus, à Virgem Maria ou a algum santo em particular fazia-se presente em sinal de gratidão².

Como parte do patrimônio artístico cultural, adquirido e construído ao longo dos séculos pelo Mosteiro de São Bento da Bahia, destaca-se o conjunto arquitetônico, sede da Ordem em Salvador, integrado por espaços que servem de suporte à vida monástica, e que se encontram agrupados em três áreas principais³: a cerca, o Mosteiro e a igreja, com sacristia e adro. Além dos bens móveis e imóveis de uso próprio, o Mosteiro ainda detinha propriedades,

1 *LIVRO velho do tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia*, 1945: 404-406.

2 HERNÁNDEZ, 2009: 63.

3 LINS, 2002: 276.

dentro e fora da cidade, constituindo as denominadas *igrejas anexas*, casas, terrenos, engenhos, fazendas e sítios. Os três últimos citados, na sua maioria, possuíam capelas com todos os seus paramentos, alfaias e mobiliário.

2. Monserrate, uma Igreja Anexa (agregada) ao Mosteiro de São Bento da Bahia

Uma das definições provenientes do Capítulo Geral celebrado na sede do Mosteiro de São Martinho de Tibães, em Portugal, em 12 de novembro de 1599, referia-se às igrejas que, em número de duas, deviam estar anexadas a cada um dos mosteiros fundados no Brasil,

mais propôs Nosso Reverendíssimo Padre Geral na mesma sessão da tarde que importava para a conservação dos nossos Mosteiros da Congregação do Brasil impetrasse de sua Santidade queira unir e anexar das Igrejas do padroado de Nossa Congregação duas a cada Mosteiro dos nossos que lá estão fundados, para que de qual sejam providos de farinhas, de azeite e vinhos, e doutras coisas de que lá tem necessidade e todos os Padres os definidores pareceu isto ser coisa santa e pediram a Nosso Reverendíssimo Padre que o quisesse fazer e impetrar de sua Santidade como coisa tão necessária e de que resultara tanto bem e aumento a nossa Província do Brasil⁴.

Para os mosteiros portugueses, aquelas propriedades constituíam unidades que possibilitavam a sua extensão e atuação em outras áreas do território luso. As igrejas anexas possuíam grandes extensões de terras e eram submetidas, geralmente, a um tipo especial de arrendamento, caso não estivessem arrendadas passavam a ser administradas diretamente pelos mosteiros à qual se subordinavam. Constituíam centros econômicos relevantes, revertendo rendas expressivas em dinheiro e gêneros diversos a favor dos mosteiros. Algumas casas, como o Mosteiro de Tibães, tiveram sob o seu domínio várias igrejas anexas.

Contudo, a existência desses tipos de igrejas anexas aos mosteiros beneditinos do Brasil, não tiveram o mesmo significado e importância econômica, sendo tratadas em determinadas ocasiões, como residências. Dependendo integralmente da administração do mosteiro ao qual estavam vinculadas. No caso do Mosteiro de São Sebastião da Bahia estavam vinculadas as Igrejas Anexas de Monserrate (Figura n.º 1), localizada na península de Itapagipe, e a de São Gonçalo, localizada nas imediações do Rio Vermelho.

A Ermida de Nossa Senhora de Monserrate foi construída sobre uma rocha, nas imediações onde se encontra o forte que leva o mesmo nome. Ambas as edificações estão localizadas na península de Itapagipe, no sítio denominado da Boa Viagem. A fundação⁵ do santuário é atribuída aos senhores da Torre de Garcia D'Ávila na segunda metade do século XVI, tendo como projetista ao arquiteto italiano Baccio de Filicaya⁶. E conforme dados do arquivo beneditino foi doada⁷ à Ordem de São Bento em 13 de fevereiro de 1598 pelo governador geral do Brasil, D. Francisco de Sousa.

Faço saber aos que esta minha doação virem, e o conhecimento de ela com direito pertencer, que eu faço de hoje para sempre doação ao Mosteiro do Bem aventurado do Patriarca São Bento da Cidade do Salvador, e aos Padres de ele, da minha Ermida de Nossa Senhora do Monserrate que edifiquei na ponta de Itapagipe, e bem assim todas as mais coisas, que lhe pertencerem para que fique unida, e

4 AMS – *Bezerro* I, fol. 193.

5 O Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia (1999) aponta o ano de 1580 como sendo o da possível fundação.

6 O arquiteto e engenheiro Baccio di Philicaia ou Filicaia, italiano da Toscana, passou por Lisboa antes da sua vinda ao Brasil, aqui esteve a serviço do rei de Portugal no fim do século XVI, durante a administração de D. Francisco de Souza (1591-1602). Recebeu o título de engenheiro-mor e o cargo de capitão de artilharia. Trabalhou também em projetos de restauração e execução de fortificações militares (OLIVEIRA, 2004:92).

7 Segundo frei Agostinho de Santa Maria, a doação do santuário aos beneditinos foi realizada pelos senhores da Torre de Garcia d'Ávila, alegando a devoção dos monges pela *Senhora de Monserrate Protetora da Catalunha* (1949:58).



Figura n.º 1 – Igreja e Mosteiro de Monserrate, fachada principal, inícios do século XX. Fonte: Arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia.

incorporada ao dito Mosteiro, e de ela poderão tomar os ditos Padres posse quando lhes bem parecer, e usar de ela como coisa sua própria, que para tudo lhes dou licença e poder, renunciando neles, e no dito seu Mosteiro todo o domínio e senhorio, que na dita Ermida até agora tive; e isto pelo melhor modo e forma, que em direito se permite, em confirmação do qual lhe mandei passar a presente dada nesta Cidade do Salvador sob meu sinal e selo: Francisco de Magalhães a fez por Domingos de Almeida, Escrivão da minha Câmara a treze de fevereiro de noventa e oito anos: eu Domingos de Almeida a fiz escrever e subscrevi. O Governador D. Francisco de Souza⁸.

A capela remete à planta típica de muitas capelas rurais baianas, sendo uma transição entre o tipo mais antigo e singelo formado pela nave e capela-mor e o partido em “T”, surgido com a justaposição da sacristia e consistório à capela-mor. Sua torre piramidal, revestida de azulejos, retoma o partido das igrejas locais nos finais do século XVII e inícios do XVIII. Se distingue pelo complemento do mosteirinho anexado, cujas informações mais precisas referentes a ele e ao edifício como tal, datam dos Setecentos, quando, os Relatórios dos Estados, a partir do século XVIII, triênio 1707-1710, falam da realização de obras tanto na Igreja como nas casas que abrigavam aos romeiros. Na década de 1720, citam-se obras, especificamente as relativas aos períodos de 1720-1723, em que a igreja foi alteada e foi executado, pintado e dourado o forro novo, tendo sido também dotada da prata, ornamentos, alfaias e peças de ouro para a realização da liturgia. No período de 1726-1729:

Fez-se nesta capela a porta da Igreja de almofadas ao moderno, e se assentou com toda a ferragem necessária para a segurança da porta = Mandou-se fundir o sino que tinha 21 arrobas de 15@ e

6 libras = Há uma garrida com 51 libras que se pusera na torre com porcas e suas ferragens = Fizeram-se umas casas de sobrado místicas a Igreja com 3 celas, e duas salas e seu corredor; e no baixo o mesmo com uma escada para cima, e outra para a cozinha = por fora das casas se fez uma obra enclausurada, e chaminé = Fizeram-se as necessárias = mais se fez um muro em que fica toda a grande cozinha, e rebocado = Embosou-se o telhado da casa, e da Igreja = Fez-se uma mesa grande com seus bancos de encosto para jantar = Deu um devoto um coração de ouro a ..., outro um olho de ouro = Deram-se umas cortinas de [...] e 2 laços de fita de ouro para o altar da gloriosa Santa Anna = Deu-se ou deram dois mantos, para Nossa Sr^a dos Remedios, e Conceição = Deu uma devota uma alva rica bordada = Deu-se uma ... renda para três toalhas dos altares =⁹.

A citação refere a colocação de elementos novos e o acréscimo relativo à formação do chamado *Mosteirinho*, com escadas, celas, salas, corredor e cozinha. Fala também sobre as doações feitas por devotos para o ornamento e cerimonial da igreja.

O documento de 1723 registra:

esta capela não tem mais terra que as vinte braças em que esta sita: sem outro algum rendimento mais que o das esmolas dos fieis, que a ela com freqüência proporcionada acodem: com elas se orna ajudando-se para isso com as que pede o Ermitão que serve na dita Capela, onde assiste para isso a Muito um Monge ancião que administra aquela fabrica¹⁰.

Assim como aquele documento de 1723, um outro de 1765, que traz as notícias dos mosteiros do Brasil, trata das rendas mínimas obtidas pela capela. Confirmando a notícia anterior, deixa assentado que as esmolas oferecidas pelos devotos eram empregadas no culto e ornato da igreja. Informa ainda que o sustento do monge residente provinha do Mosteiro.

Finalizando o Setecentos, há notícias nos Estados sobre a compra de um escravo para os serviços da capela e sobre a próxima aquisição de outro. Há referências sobre os consertos realizados na capela, quando foram colocadas grades na janela da sacristia e, posteriormente, vidraça “evitando-se com ela o revestirem-se os sacerdotes às escuras, ou com vela acesa no inverno”¹¹. Os forros das celas receberam manutenção e, em alguns casos, foram substituídos por novos. No interior da igreja, foram realizados múltiplos trabalhos e ainda “uma coroa de prata para Nossa Senhora, e resplendor para o S. Menino”¹².

Em meados do século XIX, novos trabalhos foram realizados com recursos do Mosteiro que, desta vez, precisou fazer e consertar as muralhas dos lados norte e sul, bem como reedificar parte do conjunto arquitetônico. Nos anos oitenta, o Esboço do triênio de 1881-1884, chamava a atenção sobre o perigo, a que estava exposto o então hospício de Monserrate “porque tendo caído as muralhas, que sustentam a força das mares nos fortes invernos, estão elas quase a penetrar nas paredes”¹³.

No século XX, diversas intervenções foram feitas no conjunto arquitetônico. A partir dos anos quarenta, e considerando o tombamento¹⁴ feito pelo SPHAN desde 1938, as obras passaram a ser realizadas pelo citado órgão, sucedendo-se os trabalhos em 1946, 1962, e 1973/74. Na década de 1990, o Mosteiro foi obrigado a ser fechado, devido às condições de degradação em que se encontrava e, paralelamente, acelerou-se o pro-

9 AMSB – *Estados Ba*, v. 3: 205.

10 BPAPD – *Documento de 1723*, fol. 193.

11 AMSB – *Estados Ba*, v. 4: 218.

12 AMSB – *Estados Ba*, v. 4: 218.

13 AMSB – *Códice 107*, 1851-1893, fol. 35.

14 Carta de Rodrigo M. F. de Andrade, de 23 de maio de 1938, ratificando o tombamento pelo decreto lei n.º 25 de 30 de novembro de 1937 (AMSB – *Carta...*, Pasta n.º 90, 1938).

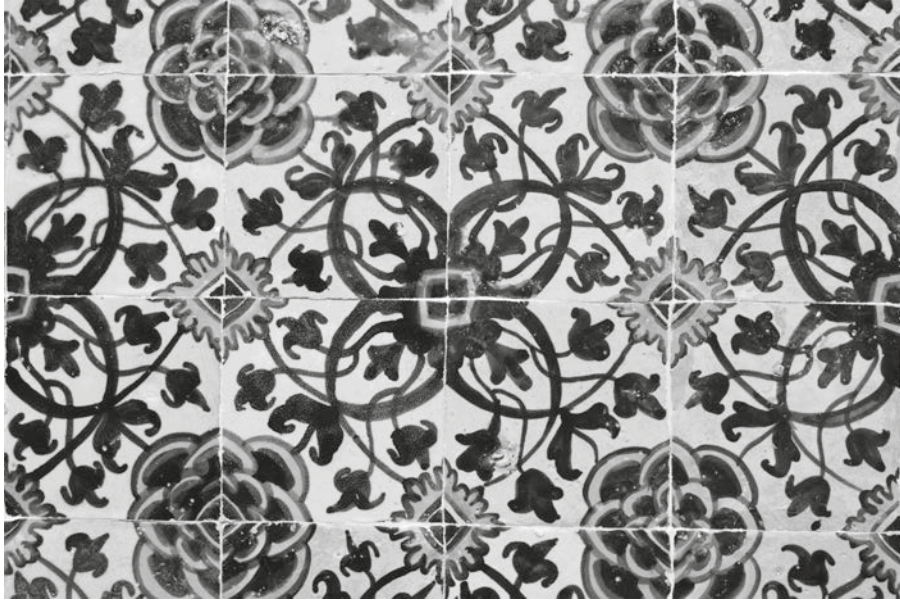


Figura n.º 2 – Pormenor do padrão de azulejos. Fonte: Péricles Mendes.

cesso de um plano para captação de recursos financeiros para a restauração, não só do imóvel como também dos bens móveis existentes. A execução do plano iniciou sua materialização no limiar do século XXI.

3. Bens artísticos integrados na Igreja de Monserrate

O conjunto edificado, ainda conserva entre seus bens artísticos integrados e incorporados, os painéis de azulejos e o altar-mor exemplar de talha do século XVIII. Ambos componentes, privilegiados neste estudo, possuem forte presença no vocabulário plástico arquitetônico da igreja e formam parte de uma pesquisa mais extensa que compreende aspectos históricos, arquitetônicos e artísticos das propriedades da Ordem Beneditina na Bahia.

A época do século XVII, o azulejo como revestimento decorativo tornou-se elemento de abundante uso nas igrejas e conventos do Brasil. Influência direta da sua utilização generalizada em Portugal, onde se desenvolveu uma produção de peças com capacidade de adaptabilidade a qualquer edificação, inicialmente recobrendo até paredes inteiras dos interiores ou formando parte do conjunto ornamental e mais tarde, no século XVIII, sai do interior e passa ao exterior revestindo as superfícies das fachadas integrando-se a sua decoração e proteção eficaz contra as intempéries.

Na Bahia, os azulejos trazidos foram chamados de *tapetes*, com decoração simétrica ordenada e três cores básicas no acabamento das formas: amarelo, azul e branco, configurando ornamentações com motivos florais estilizados, produzidos na técnica majólica. Com esse padrão identificam-se os painéis integrados à Capela de Monserrate, que segundo fontes documentais nas origens aqueles revestiam totalmente as paredes interiores do templo, e no começo do século XX foram parcialmente retirados. Hoje restam acompanhando a parte inferior da altura das paredes os do tipo tapete, padrão camélia de Lisboa (1650/60).

Na Figura n.º 2, aparecem os detalhes dos tapetes que mostram a configuração geométrica e a combinação de motivos fitomorfos, em representação de ramos e flores, com o fundo na cor branca e a ornamentação nas cores azul e amarela.



Figura n.º 3 – Vista da capela-mor desde a entrada principal. Fonte: Péricles Mendes.

Na cercadura do púlpito aparece disposta uma barra de peças, rematada com friso que acompanha a versão do padrão de azulejos, com a mesma cartela de cores utilizada na maioria do revestimento parietal. Motivos semelhantes que combinam as formas das cercaduras, os frisos e os das paredes aparecem integrados ao vocabulário decorativo da arquitetura da capela-mor, localizados nas paredes laterais até meia altura e nos triângulos esféricos ou “pechinas”, acompanhando sua configuração geométrica.

Outro dos bens integrados referenciados no presente trabalho, é o retábulo da capela-mor da Igreja (Figura n.º 3), que conforme alguns autores seria aquele que teria pertencido ao altar da capela-mor, antiga, da Igreja de São Sebastião do Mosteiro de São Bento da Bahia, feito provavelmente no triênio de 1783-1786¹⁵. E que para sua inserção na escala reduzida do espaço da capela-mor de Monserrate haveria sido modificado.

Nesse sentido e a procura de indícios referentes às possíveis alterações, foram encontrados, no arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia, desenhos inéditos realizados, pelo irmão beneditino frei Paulo Lachenmayer¹⁶, nos quais traçou a planta baixa e vistas frontal e lateral do retábulo, nas suas origens. Permitindo observar que uma das principais mudanças consistiu na alteração de parte da disposição espacial da planta cujo formato elíptico, provavelmente primitivo, foi diminuído até o limite final (fundo) do trono sobre o qual fica assentada a imagem de Nossa Senhora de Monserrate.

Na vista principal do altar (Figura n.º 4), desenhada pelo referido frei aparecem no plano posterior umas cariátides, dispostas equidistantes umas das outras e conformando, supostamente, o que seria parte do sistema estrutural da base do dossel, hoje sujeito com ferros a parede do fundo.

Evidências que referem à existência das citadas cariátides foram curiosamente achadas em um dos salões da clausura do mosteiro da Bahia, onde aquelas foram colocadas, formando parte da decoração, uma vez que se encontravam no acervo do mosteiro sem notícias exatas da sua procedência. Após verificação acurada das peças pode ser aventada a hipótese de serem aquelas elementos componentes do conjunto retabílistico original, retirados no momento da adaptação ao novo espaço da Igreja de Monserrate.

A mudança de local do retábulo deve ter acontecido em função da construção da capela-mor do cenóbio beneditino baiano, iniciada no século XVIII e materializada no século XIX, coincidindo com o processo de reformas que, ao longo de Oitocentos as irmandades, ordens terceiras e algumas ordens de religiosos regulares empreenderam no interior de seus edifícios “que consistiram no desmonte e destruição da antiga ornamentação em madeira entalhada, policromada e dourada erigida no século XVIII, e na substituição por outra ornamentação que fosse mais adequada à concepção estética e cultural daqueles novos tempos”¹⁷.

Dessa forma, e segundo dados documentais, em 25 de outubro de 1848 o abade geral frei Arsênio da Natividade Moura comunicava ao Conselho do Mosteiro que ante o estado em que se encontrava a velha capela-mor, fazia-se necessária sua demolição pelo perigo iminente que ameaçava todas as funções nela reali-

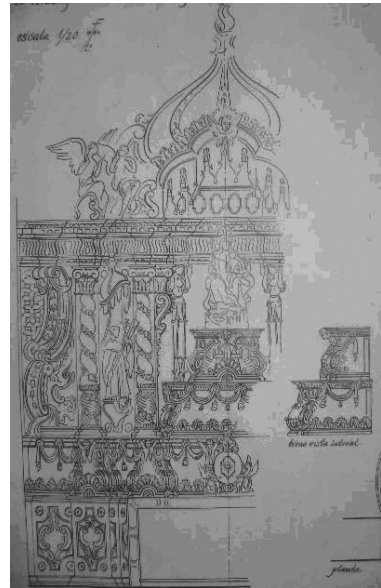


Figura n.º 4 – Desenho de ir. Paulo Lachenmayer. OSB. Fonte: AMSB.

15 ROCHA, 1997: 715

16 Monge beneditino de origem alemã destacou-se como artista, arquiteto e heraldista, participando de numerosos trabalhos em diversas instituições religiosas e civis.

17 FREIRE, 2006: 20.

zadas¹⁸. Sendo possível então deduzir que se trata do período quando o retábulo foi deslocado para Monserrate e colocado no lugar em que se encontra até os dias de hoje. E os beneditinos substituíram aquele, na *nova Capela*, por outro encomendado, com todos seus componentes, acabamentos e complementos decorativos a Gênova, Itália, feito em mármore de Carrara.

O retábulo em madeira, da segunda metade do século XVIII, constitui um dos exemplos da talha do período, principalmente, pelo significado do seu arremate (Figura n.º 5), apelidado como “dossel piriforme”¹⁹, que segundo observou o historiador Luiz Freire²⁰, o dito arremate pode ter um sentido simbólico procedente da coroa, contudo suas origens podem estar vinculadas a outras soluções italianas independentes também encontradas.

O partido ornamental do retábulo obedece efetivamente à lógica simbólica e funcional advinda do século XVI, resultante da cultura artístico-religiosa promulgada após o Concílio Tridentino (1545-1563). Apresenta, ao centro, no sentido de baixo para cima e em primeiro plano a mesa de altar, em madeira dourada e o fundo com policromia em azul e rosa, em tonalidades pastéis. Um pouco mais acima da mesa estaria o sacrário, hoje ausente uma vez que foi retirado e guardado no acervo do mosteiro. Atrás o trono²¹, cuja configuração seguia o formato piramidal, encimado por imagem dourada e policromada, correspondente à padroeira da igreja: Nossa Senhora de Monserrate.

A composição estilística do conjunto parte do embasamento onde se destacam em posição avantajada os plintos, de duas das colunas, que se integram especialmente à requintada composição do retábulo. No nível intermediário ou corpo central, aparece faixa contínua decorada por faces de anjos que se interceptam com festões e outros ornatos. Sobre aquela, quatro colunas salomônicas com terço inferior de ornamentação baseada em elementos fitomorfos, sutilmente diferenciada à do fuste, que aparecem encimadas por capitéis coríntios.

Nessa mesma altura, dois nichos coroados por dosséis, dispostos entre os pares de colunas trazem as imagens de São Bernardo e São Bento. Fecham lateralmente, este nível, volutas ordenadas verticalmente em harmonia visceral com o programa barroco-rococó característico do retábulo.

A seguir, o entablamento com ornatos filiados plenamente ao vocabulário decorativo do conjunto. E como arremates do retábulo aparecem anjos que situados no sentido das colunas aparentam garantir o dossel central, como antes colocado, em formato piriforme. Culminância que conjuga a grandeza e particularidade de este representante dos retábulos oitocentistas, especificamente de meados a fins do século XVIII.

Apesar das modificações acontecidas ao longo do tempo, o retábulo hoje localizado em outro contexto espacial de diferentes proporções aos da concepção original, ainda constitui uma unidade potencial, ornamento necessário, cenário do cerimonial sagrado, com a qualidade e capacidade de envolver os ritos do cristianismo num ambiente de esplendor e de plena integração com o restante dos componentes que formam parte do interior da Igreja de Monserrate.

Ao mesmo tempo, a obra de arte ali representada simboliza sacrifício, consagração, criação, oferenda, mostrasse como requinte de uma época que traz consigo a máxima de que o mais precioso deveria servir em primeiro lugar à celebração da santa eucaristia.

18 AMSB – *Códice 165*, 1801-1851, fol.113.

19 BAZIN, 1956: 304.

20 FREIRE, 2006: 366.

21 Informações relacionadas com a temática dos tronos dos retábulos podem ser encontradas no acurado estudo de SANCHES, 1991.



Figura n.º 5 – Retábulo mor. Fonte: Péricles Mendes.

Fontes

- Arquivo do Mosteiro de São Bento (AMSB) – *Carta de Rodrigo M. F. de Andrade, 23 de maio de 1938*. Salvador, Pasta 90.
- AMSB – *Códice 165 – Livro dos Conselhos 1801 – 1851*. Salvador.
- AMSB – *Doação do Governador D. Francisco de Sousa da Hermida de N.S. de Montserrat 13-02-1598*. Salvador, Cx. 5, Pacote 1.
- AMSB – *Estados Ba, v. 3 – Estados do Mosteiro de São Bento da Bahia 1652 – 1740*. Salvador; *Estados Ba, v. 4 – Estados do Mosteiro de São Bento da Bahia 1764-1800*. Salvador.
- AMSB – *Códice 107 – Estados do Mosteiro da Bahia 1851 – 1893*. Salvador.
- Arquivo do Mosteiro de Singeverga (AMS) – A - *Bezerro I, Capítulos Gerais 1570-1611*. Tibães.
- Biblioteca Pública – Arquivo de Ponta Delgada (BPAPD) – *Documento de 1723. Açores, Coleção de José do Canto*. Miscelânea, Livro I.

Bibliografia

- BAZIN, Germain. 1956 – *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Record.
- FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro, 2006 – *A talha neoclássica na Bahia*. Rio de Janeiro: Versal.
- HERNÁNDEZ, Maria Hermínia Olivera, 2009 – *A administração dos bens temporais do Mosteiro de São Bento da Bahia*. Salvador: Edufba.
- INVENTÁRIO de Proteção do Acervo Cultural da Bahia – IPACB, 1999 – Salvador (CD-ROM)*
- LINS, Eugênio, 2002 – *Arquitetura dos Mosteiros Beneditinos no Brasil. Séculos XVI a XIX*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 3 volumes (tese de doutorado).
- LIVRO velho do tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia, 1945*. Salvador: Beneditina.
- OLIVEIRA, Mario Mendonça de, 2004 – *As fortificações portuguesas de Salvador quando Cabeça do Brasil*. Salvador: Omar G.
- ROCHA, Matheus R., 1997 – *Igreja do Mosteiro de São Bento da Bahia: história da sua construção*. Rio de Janeiro: Mosteiro de São Bento.
- SANCHES, Martins Fausto, 1991 – “Trono eucarístico do retábulo barroco português: origem, função, forma simbolismo” in *Atas I Congresso Internacional do Barroco*. Porto, vol. II, p. 1-43.
- SANTA MARIA, Agostinho, 1949 – *Santuário Mariano e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora...* Bahia: Imprensa Oficial.